

Os Verdadeiros Campos de Extermínio e Holocausto

Prefácio

Os falsos “seis milhões” do holocu\$to servem mais como uma distração e uma cobertura para os verdadeiros crimes contra a humanidade cometidos sob o comunismo judaico. Quase todo mundo já ouviu falar de “Auschwitz”, mas quantos já ouviram falar das atrocidades cometidas contra gentios em Kolyma, o mais notório campo de trabalho escravo (Gulag), administrado e operado por judeus no extremo nordeste da Sibéria? Ou o genocídio sistemático dos povos da Ucrânia perpetrado pelo comunismo judeu? O Holodomor (fome/genocídio na Ucrânica entre 1932-33) perpetrado pela URSS judaicamente controlada.

Os sistemas Gulag da ex-URSS são os verdadeiros campos de extermínio. Tudo o que os judeus são e fazem, eles habilmente culpa os gentios. Isso funciona como uma distração e desvia a atenção da população constituem os crimes reais. Um exemplo notável é tudo o que o deus judaico “Iavé/Jeová” na Bíblia é e não é responsabilizado sobre Satan. Por exemplo, os atributos “odiador da humanidade”, “um assassino e um mentiroso desde o princípio”. Só é preciso olhar para o Antigo Testamento e ver o genocídio sem fim e assassinato em massa dos gentios nas mãos deste chamado “deus”. Eles reclamam que o Diabo é totalmente materialista, mas não há nada espiritual sobre a Bíblia ou o cristianismo, apenas uma história fictícia de judeus, a mensagem subliminar de dominação judaica sobre os gentios e a vida daquele nazareno fictício. Há contradições intermináveis e versos opostos na Bíblia. Trata-se de garantir que a Bíblia seja adaptável a todos os períodos e situações, a fim de perpetuar o programa do cristianismo. Os judeus aprendem cedo a argumentar e levam isso ainda mais em sua educação na yeshiva.

Por todos os anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, estamos sempre sendo bombardeados regularmente direto da Hollywood judaica, filme após filme, documentários e outros meios de comunicação que descrevem o alegado “holocausto” dos judeus nas mãos da Alemanha nazista. Isso tem atuado, entre muitas outras coisas, como uma grande distração ao longo dos anos e tem desviado a atenção dos reais campos de extermínio que foram todos administrados e operados por judeus sob o comunismo judaico. Muito antes de Adolf Hitler ao menos ter chegado ao poder, esses campos de morte e trabalho escravo estavam em pleno funcionamento. Além disso, tudo o que os judeus acusam os nazis, eles próprios colocaram em ação desde 1920. Se fizer a pesquisa necessária, os olhos serão abertos para a verdade.

A embalagem de gentios para uso de trabalho escravo em vagões de gado, rigidamente embalados, poucos podiam ao menos se mover. Isso também foi feito para os escravos negros africanos nos navios negreiros que foram todos de propriedade e operados por judeus. Para ler o relato completo, podes acessar o link abaixo. Este é um artigo detalhado e excelente:

josministries.prophbb.com/topic1987.html

Este também é um fato hoje, que pode ser facilmente visto com a agricultura industrial. Os judeus possuem as grandes empresas que se dedicam a este tipo de abuso tão hediondo dos animais. Eles estão todos embalados em pequenas gaiolas e caixas, vivendo em sua própria sujeira e resíduos, incapazes de ao menos se virarem ou mal se moverem, e se fizeres a pesquisa, verás um padrão. Tudo isso é um conceito judaico, embalagem de seres vivos em espaços extremamente pequenos para serem utilizados para os lucros e exploração dos judeus nas formas mais brutais.

Tudo isso foi habilmente culpado sobre os nazis. Com a mídia mantendo a dinâmica, como também o fazem promovendo sua mentira do cristianismo, poucas pessoas realmente questionam se isso foi verdade ou não. Os judeus não previram ou esperavam o colapso da URSS e do bloco comunista, muitos relatos dos campos de trabalho escravo de morte (poucos realmente sobreviveram para contar) estão agora sendo revelados ao público, mas é preciso fazer as investigações necessárias. Nomes como Auschwitz, Treblinka, Sobibor, Dachau etc., são comumente conhecidos. Além da infinidade de filmes que saem da Hollywood judaica, a mídia controlada judaica incessantemente publica e promove livros sobre o assunto.

Quantas pessoas já ouviu falar de Kolyma, ou Serpantinka? Existem milhares de outros. A lista destes campos de trabalho escravos operados por judeus é prolífica e interminável. O link abaixo é apenas uma amostra:

en.wikipedia.org/wiki/List_of_Gulag_camps

Existem milhares na China, muitos na Coreia do Norte e em antigos países comunistas. Todos operados por judeus com os padrões judaicos para os gentios. Há judeus em todas as raças e grupos étnicos. Eles podem ser identificados pelo seu DNA, que é outra área que as pessoas precisam pesquisar e aprender.

Desde a revelação das atrocidades cometidas sob o comunismo judeu, agora os judeus estão trabalhando horas extras, tentando comparar o judeu Josef Stalin com Adolf Hitler. Além desse lixo judaico, eles colocam websites e outros na tentativa de dissociarem-se, na forma de afirmar que Stalin, Beria e outros que administraram este sistema brutal de assassinato não eram judeus, até mesmo indo tão longe alegando que Vladimir Lenin era “apenas parte judeu”. Poucas pessoas se preocupam em fazer a pesquisa necessária e isso pode ser difícil, mas a verdade é que... Stalin, Beria e Lenin eram todos judeus. O verdadeiro nome de Josef Stalin era Dzhugashvili, ou seja, em georgiano, “Filho de um judeu”. Além disso, o sobrevivente do campo de extermínio e autor Aleksandr Solzhenitsyn escreveu em um amigo de correspondência, onde ele fez um pequeno comentário criticando Stalin, e ele também mencionou que Stalin era judeu. Sua carta foi interceptada e por isso, ele foi prontamente preso. O judaísmo de Stalin era de conhecimento comum, mas não podia ser mencionado. Lavrenty Beria, assassino em massa e monstro, era um judeu karaim. Ele também foi muito apegado e até mesmo benevolente para com os judeus. (Referência: Reference: Commissar: The Life and Death of Lavrenty Pavlovich Beria, por Thaddeus Wittlin, © 1972).

Para não dizer que o sobrenome “Beria” é um derivado do prefixo judaico “Bar”, não diferente de “Barry”, “Berry”. Todos nomes judaicos.

Pelo fato de Adolf Hitler ter alertado os gentios à extrema ameaça dos judeus e seu comunismo, a Alemanha nazista foi atacada implacavelmente, não diferente do nosso Verdadeiro Deus Criador Satan. A Alemanha nazista foi injustamente acusada de “exterminar os judeus e muitos outros”, que é uma grande mentira, e isso pode ser comprovado. A chamada “negação do Holocausto” é ilegal em muitos países ao redor do mundo. A Alemanha pós-guerra pagou bilhões e bilhões de dólares, foi carregada com vergonha, calúnia e muito pior. Os judeus têm usado seu falso holocausto para explorar e controlar e, sobretudo, para instituir o comunismo, direta e indiretamente em todo o mundo.

As vítimas dos campos da morte e trabalho escravo comunista controlados por judeus não receberam nada. Nenhuma reparação, nenhuma ajuda e as famílias sobreviventes ficaram sem nada. O que é ainda pior é o fato de que NENHUM dos criminosos judeus jamais foi levado à justiça. Enquanto a mídia controlada judaica agita com história após história dos chamados “criminosos de guerra nazistas” serem “levados à justiça”, não houve qualquer justiça para as vítimas das Gulag, que totalizaram em muitos milhões em todo o mundo a partir dos países comunistas. Além disso, o público ignorante está focado nos “nazistas isso” e “nazistas aquilo”, e nem sabe das vítimas reais. Este tipo de doutrinação judaica também é forçado nas escolas, onde o comunismo é ensinado como algo bom e favorável por professores universitários judeus e seus lacaios gentios. O comunismo, como o cristianismo, é outro programa fraternal judaico que prega igualdade, um padrão de cuidado e sobrevivência e trabalho decente... TUDO MENTIRA! Ambos são programas de escravidão e morte. Ambos os programas, como qualquer outra coisa judaica, criam o problema e em seguida empurram a “solução”.

Este pequeno artigo revela as atrocidades hediondas cometidos contra gentios nas mãos dos judeus. É claro, os judeus também tem um histórico de perseguir seus semelhantes. Os judeus, que eram em pequeno número em alguns dos campos, são os que gritam mais alto na imprensa judaica para novamente enganar as pessoas a acreditar que o comunismo não é judaico, que é mais uma mentira total. O plano para o comunismo judaico está na Bíblia. Os judeus escreveram a Bíblia.

A menos que o mundo gentio acorde, agora que temos alguma chance com as comunicações de massa e a Internet, nosso mundo mais uma vez descerá para a Idade das Trevas e voltaremos à submissão e escravidão total, servindo os judeus sob as condições mais brutais imagináveis .

“Como um médico do campo disse a uma vítima em 1949: vós não sois trazidos aqui para viver, mas para sofrer e morrer... Se tu vives, significa que és culpado de uma de duas coisas: ou trabalhaste menos do que lhe foste atribuído, ou comeste mais do que lhe é permitido.” (East of the Sun, The Epic Conquest and Tragic History of Siberia”, por Benson Bobrick, © 1992)

Os Verdadeiros Campos de Extermínio e Holocausto

Hoje, o mundo está sob o domínio de uma nova religião: holocaustianismo. Este programa é projetado para atribuir significados à sua agenda e possui um poderoso feitiço sobre as mentes dos gentios. É uma propaganda poderosa nos objetivos da agenda judaica. Sua premissa é a base para inúmeras leis especiais para tornar os judeus inquestionáveis, e uma ferramenta para silenciar todo debate e atropelar quem se oponha à sua agenda. Para deslegitimar todas as informações que os expõe, juntamente com aqueles que o fazem e dá-lhes precedente moral para a sua capital do estado judaico em Israel e o sistema mundial maior que desejam governar a partir de Israel. Este também é um poderoso esteróide para sua ideologia Marxista Cultural (verdadeiro nome) que é projetado para destruir qualquer psicologia orgânica saudável ou instituição material que, por sua natureza, impede a destruição judaica e a assimilação de sua nação para as garras da Nova Ordem Mundial Judaica.

Para entender a verdade, o judeu tornou ilegal discutir este assunto em muitas áreas (a verdade não teme investigação). Nós olhamos para o que realmente estava acontecendo e trazemos esta situação à luz. A verdade é que o verdadeiro holocausto ocorreu na União Soviética que foi criada e controlada por judeus. Dos muitos desses campos de extermínio onde milhões morreram, examinaremos Kolyma, um dos muitos cujo legado é da natureza bestial judaica. Mais tarde, tomaremos realidade humanista dos campos alemães direto da boca dos judeus, que como foram comprovados, mesmo em tribunal, que não eram campos de extermínio, mas centros industriais de produção humanamente administrados, com piscinas de tamanho olímpico e até mesmo campos desportivos com os pessoais e observantes da Cruz Vermelha.

Kolyma, Os Campos de Extermínio Árticos:

“Os presos que chegam às enormes campos de trânsito, na costa do Pacífico, fora de Vladivostok e mais tarde em Nakhodka e pelo Vanino, em cada um dos quais cem mil prisioneiros lotaram a infinita variedade de barracas que se estendia até onde a vista alcançava. Lá, eles aguardavam os navios-prisão de Kolyma...”

Andrei Sakharov chamava-os de “Navios da morte do Mar de Okhotsk”.

“Aqueles que chegaram já estavam esmagados, humilhados e famintos. Eram restos de seres humanos mal-vestidos. Eles normalmente gastariam em torno de três meses de prisão, em condições e tratamento que entenda adequada para como eles. A viagem de trem, sempre uma das piores diferentes experiências das vítimas, com seus vagões fétidos, o seu abastecimento de água inadequado, falta de alimentos e de luz, seus guardas brutais, era, é claro, a mais longa enfrentada por qualquer das vítimas do Gulag: 28, 33, 35 e 47 dias são tempos comumente relatados.”



Letões em vagões de gado sendo enviados para campos de concentração Gulag na URSS Judaica.

Dia do embarque chegaria em Vanino:

“Quando saímos para o campo imenso para fora do acampamento, testemunhei um espetáculo que faria jus a uma produção de Cecil B. DeMille. Até onde a vista alcançava, havia colunas de prisioneiros marchando em uma direção ou outra, como um exércitos num campo de batalha. Uma grande tropa agentes de segurança e soldados com telefones de campo e motocicletas mantiveram contato com a sede, organizando o fluxo regular destes rios humanos. Eu perguntei o que seria esta operação gigante. A resposta foi que cada vez que um transporte deixasse a administração, relocando os ocupantes de cada gaiola no acampamento, pois todos deviam ser removidos com o seu monte de trapos nos ombro para o grande campo e de lá dirigiam para seu novo destino. Apenas 5.000 deveriam sair, mas 100.000 fizeram parte da cena diante de nós. Podia-se ver colunas intermináveis de mulheres, aleijados, velhos e até mesmo adolescentes, todos em formação militar, cinco vezes seguidas, passando pelo campo enorme e dirigido por assobios ou bandeiras, era mais de três horas antes da operação ser concluída, e o grupo que eu pertencia foi autorizado a sair para o ponto de embarque.”

*Lembro do porto de Vanino
Quando atracou o sinistro navio,
Donde subimos a prancha a bordo
Ao porão sombrio e frio*

“Levou algum tempo para acostumar os olhos para a luz fraca do sujo andar inferior. Quando comecei a ver onde estávamos, meus olhos viram uma cena que nem Goya nem Gustave Dore jamais poderiam ter imaginado. Nesse porão sombrio imenso e cavernoso, estavam amontoadas mais de 2.000 mulheres.

Do chão ao teto, como em uma granja de aves gigantes, elas foram confinadas em gaiolas abertas, cinco delas em cada espaço de nove metros quadrados. O chão estava coberto com mais mulheres. Por causa do calor e da umidade, a maioria delas estavam escassamente vestida. Algumas tinham perto de nada. A falta de instalações sanitárias e a temperatura implacável cobriam seus corpos com feias manchas vermelhas, bolhas e manchas. A maioria estava sofrendo de algum tipo de doença de pele ou outra, além de doenças do estômago e disenteria.

Na parte inferior da escada que tinha acabado de subir, havia um tonel gigante, nas bordas das quais, em vista dos soldados que estavam de guarda acima, as mulheres foram empoleiradas como pássaros nas posições mais incríveis. Não havia vergonha nem pudor, ali elas se agachavam para urinar ou para esvaziar os intestinos. Tinha-se a impressão de que elas eram algo meio-humano, meio-pássaro que pertenciam a um mundo e época diferentes...”

Muitos dos presos nunca sobreviveram à travessia (que normalmente durava uma semana inteira). Eles morreram por violência, fome e doenças por estarem amontoados, muitos casos ombro a ombro, literalmente como gado em acomodações sujas por semanas. A cena era idêntica à dos navios negreiros de propriedade judaica nos séculos anteriores, onde embalaram milhares de escravos africanos, literalmente de parede a parede. Desta vez, o novo gado *goyim* seria usado como trabalhador escravo no Estado Comunista Judaico.

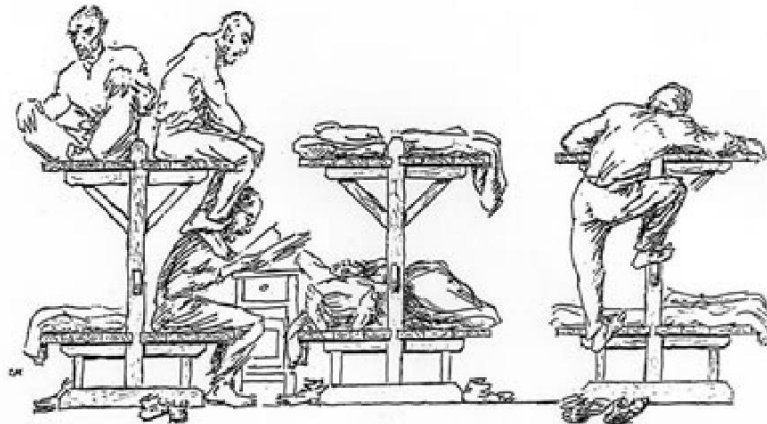
Os Campos de Extermínio de Kolyma:

“O objetivo central era matar os prisioneiros, como um comandante abertamente afirmou.”

Minha nota: o principal método de matar os prisioneiros aos milhões foi atribuir a eles impossíveis quotas de produção, em seguida, rebaixar as rações já escassas quando não podiam fazê-lo como castigo, garantindo que eles morreriam de uma mistura de cansaço e doenças. Aqueles que viveram, mas estavam muito enfraquecido, suas cotas caíram por fome e exaustão, e eles foram simplesmente executados em massa. Isso garantiu que o ouro seria extraído ao matar os prisioneiros. O sadismo deste método era que a vítima iria trabalhar tão duro quanto possível para se manter vivo na falsa esperança, garantindo assim uma maior quantidade de produção de ouro. Como parte disso, eles davam o pior vestuário que era inútil nos 50° a 70°C abaixo de zero e sem nada além trapos imundos e cheios de piolhos para embrulhar seus pés e corpos congelados. Eles foram deixados para viver empilhados em cima uns dos outros como animais de fazenda em gaiolas, em cabanas pobres de má qualidade sem isolamento ou aquecimento adequado, na região mais fria da Terra.



Mais de três milhões de pessoas foram sistematicamente assassinadas pelo regime comunista judeu só em Kolyma, e este era somente um dos muitos e muitos campos em toda a Judiação Soviética. Cada um dos relatos não é apenas individual, mas a experiência coletiva dos milhões de condenados a tais campos.



A Realidade dos Campos:

“O clima interior, onde podia chegar a -70°C , é de fato o mais frio no Hemisfério Norte: o verdadeiro pólo de frio é em Oymyakon, perto de Gydan”.

“No verão de 1932, foi lançada a operação. O assalto coletivização no campesinato tinha produzido uma vasta expansão no número de prisões. Dos 10 milhões de “kulaks” (minha nota, mais perto de 15 milhões) eliminou metade, provavelmente morreram de fome e execução, e o restante certamente não menos de três milhões e meio fluíram

nos campos de prisão. Kolyma teve a sua quota.”

“Nem os alojamentos em que os presos passaram suas horas livres eram refúgio. Desesperadamente superpopulosos, com beliches de três ou quatro de profundidade, eram em maioria não isolados (os alojamentos dos guardas tinham serragem entre duas camadas de embarque). E mal-construídos como eram, as rachaduras e buracos estavam geralmente recheados com musgo, trapos ou palha. Além disso, quase todos os mineiros eram atingidos por incontinência de urina. Eles iriam tentar, quando enviados para outros campos, ficar nos beliches inferiores a fim de poupar os seus colegas. Onde estavam todos reunidos, isso não era possível.”

“Os fogões também eram bastante inadequados. Era uma queixa constante de que o alojamento não recebia bastante calor, roupas que não secavam. No outono eles mantiveram pessoas enxarcadas, na chuva e no frio, para cumprir normas que tais ruínas sem esperança jamais poderiam cumprir... Os prisioneiros não estavam vestidos para o clima na região de Kolyma. Eles receberam roupas de terceira mão, meros trapos e muitas vezes só tinha embrulhos de pano em seus pés. Suas jaquetas rasgadas não protegiam-os do frio amargo e as pessoas congelaram em massa. Notamos que os regulamentos viciosos reveladores que, a partir de 1937, praticamente proibiam roupas adequadas para o clima.”

“Uma dúzia de piolhos nas roupas íntimas não contam. Piolhos começam a atrair a atenção dos prisioneiros e médicos quando se podia sacudi-los para fora com um movimento da mão, quando o rastejamento deles começava a se mover por conta própria. É possível que um homem de qualquer tipo, pudesse não querer escapar dessa tortura quando ele não dorme e coça o corpo sujo roído por vermes até o sangue escorrer?”

“Quando tinha se tornado claramente impossível limpar-se, as mulheres desistiam de tentar, e só quando a coceira se tornou intolerável em suas blusas, tiravam um punhado de vermes e jogavam-nas fora.”

Relato de um prisioneiro:

“Em março de 1933, 600 presos foram enviados para a Mina de Ouro nº 1 da Administração de Mineração do Norte... Havia duas outras administrações do mesmo tipo, as do oeste e do sul. Partimos a pé nessa longa jornada. Nós tivemos que viajar 370 milhas na neve profunda e durante o tempo muito frio à *sopka* de Khatenakh.

Tivemos que fazer 16 milhas por dia, após passarmos a noite em tendas montadas na neve. Depois de nossas refeições escassas no período da manhã, partimos novamente. Aqueles que não foram capazes de sobreviver a esta longa marcha cansativa e morreu a caminho ficaram com a neve como seu único sepulcro. Nossos guardas nos proibiram de dar-lhes um enterro apropriado. Aqueles que ficaram para trás foram baleados pelos guardas, sem parar a coluna.”

“Eu estava convencido de que soldados do MVD (guardas do campo) deviam ter sido

escolhidos por suas qualidades sádicas. Eles tinham uma mão completamente livre sobre nós e faziam qualquer coisa, principalmente quando bêbados, para fazer os prisioneiros sofrerem. Por exemplo, quando iam ou voltávamos do trabalho nas colunas habituais de cinco, eles às vezes nos impediam no meio da estrada, liberavam seus cães e riam quando os cães afundavam suas presas nas pernas dos prisioneiros. Era uma época em que eles estavam absolutamente livres para fazer qualquer coisa, até mesmo nos matar e obter uma recompensa por isso. Recordo deles chamarem um homem para fazer uma fogueira para eles ou trazê-los de uma caneca de água quando em serviço de sentinela, e em seguida, matar o infeliz, sob o pretexto de que o prisioneiro tinha cruzado a linha de transgressão.”

As condições de trabalho:

As botas estavam sempre molhadas, nunca secavam. Reumatismo era garantido. Ainda, o ar no poço, onde não havia ventilação alguma, estava preenchido duas vezes por dia com os gases venenosos de amônia fumegante. Apenas 30 minutos eram autorizados para a compensação dos gases através da entrada da mina, após os quais os trabalhadores eram levados de volta aos boxes para continuar seu trabalho. Muitos deles sucumbiram à atmosfera envenenada e tossiam violentamente, cuspiendo sangue e muitas vezes as partículas do pulmão. Depois de um curto período de tempo, estes eram geralmente enviados para os fracos esquadrões de serra de madeira ou para a sepultura. A mortalidade era especialmente alta entre os homens que levavam areia molhada do quartel após a lavagem. Da atmosfera húmida do aquecedor, os serventes suados deslizaram pela porta, coberta por um cobertor velho, andavam com seus carrinhos de mão para a geada perfurante de 50°C abaixo de zero. O limite de tempo neste trabalho era de no máximo um mês, após o qual quer pneumonia ou meningite despachasse o trabalhador para o outro mundo.

Os rostos de todos apresentavam sinais de queimaduras de frio, embora o inverno tivesse apenas três meses e as geadas mais severas ainda estavam por vir. A maioria deles estava tão suja que eu podia apostar que alguns deles não tinham lavado o rosto durante semanas. Suas roupas eram como nada do que eu já havia visto em Kolyman. Tudo, desde botas rasgadas aos trapos sujos incrivelmente envolvidos em torno de seus pescoços, em vez de lenços, seus casacos de inverno queimados e rasgados. Os homens tinham fome, rostos desgastados, vozes baixas, estavam completamente absorvidos em si mesmos e incomunicáveis... A visão dessas criaturas que tinham quase perdido a imagem de homem fez-me sentir claramente desconfortável.

As condições matavam-os rapidamente. Mas 'condições' eram assistidas por um emprego maciço de execução como uma represália contra a incapacidade de produzir ouro adequadamente, e como efeito, sob qualquer pretexto que seja.

Prisões em massa começaram no acampamento. Como regra geral, a acusação era sistemática no cumprimento de quotas. Uma vez que nenhum homem no campo de ouro poderia cumpri-las, o fracasso seria dito como criminoso quando o trabalhador completava menos de 50% da quota.

Era absolutamente impossível medir com precisão o desempenho exato de um trabalhador e a estimativa feita dependia da atitude dos capatazes. Os capatazes faziam medições diárias de uma forma tosca e com a ajuda de uma linha de fita, e faziam seus relatórios para o escritório, onde o volume de areia escavada era traduzido em percentagens da cota diária cumprida por cada brigada. Ao fazer isso, a prática recorria sistematicamente a qual certa quantia de trabalho realizado pelas brigadas menos eficientes seria roubada deles e creditada às melhores brigadas, como forma de incentivá-los. Mas os capatazes não eram totalmente livres na gravação de suas medições. Uma vez por mês, uma medida de toda a produção da mina era feita por inspetores com instrumentos de grande precisão. Os engenheiros mediam a profundidade do aumento da mina durante o mês e comparavam com as medições adicionais dos capatazes. Quando os números discordavam, como sempre e em grande medida, os capatazes eram apenas repreendidos. Agora, pela nova ordem de Pavlov, os capatazes culpados de medições excessivas seriam levados a julgamento. A mesma ordem declarou o fato de que seis capatazes tinham sido executados para enganar o Estado. Era natural que os capatazes muitas vezes fossem para o outro extremo, como caridade começa em casa, e deliberadamente deram números mais baixos. O número de oficial para a produtividade do trabalho caiu imediatamente.

Em seguida, o pelotão de fuzilamento começou a trabalhar.

Um representante do tribunal de três homens da NKVD, a Troika, apareceu no campo de ouro. Ele realizou conferências com os chefes de seção e exigiu listas de sabotadores mal-intencionados que sistematicamente não conseguiam fazer suas quotas. Os chefes da seção não tinham alternativa a não ser preparar tais listas e incluir neles os trabalhadores menos capazes que reduziam a produtividade média do trabalho para essa seção.

Um sobrevivente lembra:

“Em nossa mina, a Terceira Seção... Era particularmente ativa durante o período entre 1937-1938. Algumas noites, quando voltávamos do trabalho, os guardas liam trinta a cinquenta nomes. As pessoas chamadas tiveram que sair das fileiras e foram levadas imediatamente para a prisão. Na manhã seguinte, eles foram levados em caminhões para o *sopka* de Khatenakh, onde foram fuzilados. À noite, além da lista de novas vítimas, os guardas liam o anúncio: 'Por decisão do comando do campo (então seguiam os nomes daqueles que tinham sido executados) fuzilados por sabotagem, má vontade e agitação contra o poder soviético.'

Ou, como Solzhenitsyn categorizava os crimes, (o anúncio era seguido pela pinagem das listas para os quadros de avisos do acampamento): “por agitação contrarrevolucionária”, ‘insultar o guarda’, ‘por não ter cumprido a norma trabalho’. Shalamov desenvolve bem a que esses crimes ascendiam: ‘agitação contrarrevolucionária’. Esta foi a maneira que um dos parágrafos nas frases de Garanin começavam. Para o homem transeunte de 1937, não precisava explicar o que era agitação contra-revolucionária: Elogiar um romance russo publicado no exterior: dez anos. Declarar que uma fila de espera para comprar sabão demorou: cinco anos... Mas nos campos não havia nada de prisão: cinco, dez, vinte anos. Diga em voz alta que o trabalho era duro, murmurar o comentário mais inocente sobre Stalin, ficar em silêncio enquanto a multidão de prisioneiros gritava ‘viva Stalin!’ e tu és fuzilado: silêncio é agitação!... Sem vestígios, sem investigação. Os trabalhos da Troika, aquela famosa instituição, sempre significavam a morte.

Eles também atiravam por ‘indignação contra um membro da guarda’. Qualquer insulto, qualquer resposta insuficientemente respeitosa, qualquer ‘discussão’ quando atingido ou espancado, qualquer gesto desrespeitoso de um prisioneiro para um guarda era chamado de ‘uma tentativa de violência contra o guarda’. Eles atiravam por ‘recusa ao trabalho’. Milhares de prisioneiros morreram antes de compreender o perigo mortal de sua atitude. Velhos, no final de sua força, esqueletos exaustos e esfomeados, incapazes de andar um passo para alcançar o portão do campo na parte da manhã, quando as colunas iam para o mina, ficavam em seus colchões. Eles com antecedência escreviam sua recusa em formulários: ‘Apesar de calçados e vestidos em conformidade com as exigências da temporada...’ As minas mais ricas faziam formulários onde era o suficiente escrever o nome e alguns pontos impressos corretamente: ‘data de nascimento, artigo da lei, a duração da sentença’. Três recusas significavam o pelotão de execução, ‘de acordo com a lei’...

Mesmo no final de sua força, a pessoa tinham que ir para a mina. O chefe do grupo assinava todas as manhãs para esta ‘unidade de produção’, e a administração contra-assinava. Isto feito, o prisioneiro estava salvo, no dia em que ele escapou da morte, até que ele não podia trabalhar porque estava incapaz disso. Ele tinha de suportar seus dias de tortura até o fim.

A última galeria, a mais rica, em que atiravam nos prisioneiros por ondas era pelo ‘não cumprimento das normas’. Este crime levou brigadas inteiras para valas comuns. As autoridades forneceram uma base teórica para este rigor; em todo o país, o Plano Quinquenal foi dividido em números precisos em cada fábrica para cada estabelecimento. Em Kolyma, eles eram divididos para cada turma. ‘O Plano Quinquenal é a Lei! Não levar o Plano a cabo é um crime!’

De acordo com vários relatos, aceito por Roy Medvedev e outros, o próprio Garanin (Chefe da USVITL) costumava andar para baixo da linha de prisioneiros na parada, atirando neles desta forma: dois soldados o seguiam se revezando no carregamento de seu revólver... Funcionários menores, como Nikolai Aglamov, Chefe da Administração do Campo Sul, que 'gostavam de selecionar uma brigada que era culpado de alguma coisa e aqueles parados diante dele'. Ele iria pedir que fosse levado para um lado e atirava nas pessoas aterrorizadas com sua pistola, enquanto amontoadas, acompanhavam a operação com gritos. Os corpos não eram enterrados, quando de maio chegou, eles decompueram e em seguida, os presos que sobreviveram foram convocados para enterrá-los... Esta atitude perante a vida humana tornou-se comum entre a NKVD como um todo. Um típico relato é de que um oficial da NKVD bêbado, aparecendo em um local de trabalho, acusava prisioneiros de roubar taças do Estado (era então bastante comum para eles carregarem seu mingau para o local de trabalho para comê-lo) e atiravam descontroladamente no grupo, matando um e ferindo dois.

Também nos campos das mulheres, assassinato aleatório era a norma. Naquele ano, em primeiro de maio e sete de novembro eram comemorado pelo do envio de lotes de prisioneiros, sem outro pretexto, para as células de penalidade, onde muitos morreram. Então, nos desfiles costumeiros, a ordem seria dada para cada décima mulher ser retirada e fuzilada. Em uma ocasião, trinta mulheres polonesas foram baleadas em um lote no acampamento Elgan. Enquanto isso, a fome e as epidemias tomaram seu lugar, como nos acampamentos dos homens.

Muitos campos tornaram-se famoso por suas execuções e valas comuns: Orotukan, Polyarny Primavera, Svistoplyas, Annushka e até mesmo o campo agrícola Dukcha. A mina Zolotisti teve uma particular reputação assassina. Lá, Solzhenitsyn nos diz, 'brigadas foram retiradas de vista durante o dia e fuziladas uma após a outra no local (este não eram apenas execuções noturnas, elas continuaram como sempre).

Em suas rodadas formais, Garanin tomou nota especial daqueles que eram condenados por KRTD (atividade trotskista contra-revolucionária). 'Qual destes não cumpriram a cota?', ele perguntava. A maioria não o fez e não podia. Durante a chamada noturna, quando voltavam das minas, eles chamavam esses infelizes, insultavam-os como sabotadores que tentavam continuar suas atividades trotskistas contra-revolucionárias penais, mesmo no campo, e eles os conduziram em bando fora do portão. A uma curta distância do acampamento, eles seriam fuzilados em massa sob sua supervisão pessoal. Isto ainda não era o suficiente. À noite, ele retiraria milhares de 'inimigos do povo' de todos os campos de Kolyma, carregava-os em caminhões e punha-os numa prisão. Esta prisão, chamada Serpantinka, está a cerca de 375 milhas a oeste de Magadan, no meio da floresta, e é provavelmente uma das instituições mais horríveis na União Soviética."

Campo de Extermínio de Serpantinka:

“O campo de extermínio Serpantinka (ou Serpantinnaya) era de fato o cenário de execuções em massa continua por 1938, como o centro de liquidação da Administração do Norte. Ele tinha sido cuidadosamente preparado. Um prisioneiro recorda que em uma longa viagem caminho acima, um pouco fora da estrada, passamos por alguns acampamentos longos e desagradáveis. Ao mesmo tempo, esses acampamentos abrigavam uma unidade de construção de estradas e eram chamados de Serpantinnaya, mas desde a conclusão da estrada para Khatenakh, eles estavam vazios há mais de um ano. Lembrei-me que alguns dias antes, por ordens de Magadan, Serpantinnaya havia sido transferida para a seção de distrito do NKVD, que enviou duas brigadas de homens lá para realizar algum trabalho secreto. O pequeno acampamento devia ser vedado com três fileiras de arame farpado, torres de vigia para sentinelas iriam ser erguidas a cada 25 metros e uma casa cômoda para os funcionários e os guardas seria construída, bem como uma garagem. O que me intrigou foi a garagem. Não era habitual construir uma garagem em um pequeno acampamento como este, principalmente porque as grandes garagens no campo Khatenakh e nas minas de ouro Vodopyanov estavam a apenas três quilômetros de distância. Mais tarde, soube que eram usadas para abrigar dois tratores, cujos motores produziam barulho suficiente para abafar os sons de tiros e gritos dos homens. No entanto, após uma estadia curta, os tratores foram transferidos para algum campo de ouro e os motoristas de automóveis que passaram no acampamento à noite ouviram o processo lá com a maior clareza.”

Outro relato nos diz: “Em Serpantinka cada dia de trinta a cinquenta pessoas eram baleadas em um galpão perto do refrigerador. Os cadáveres eram então arrastados atrás de um monte em trenós motorizados... Havia também outro método: Prisioneiros eram conduzidos com os olhos vendados, a uma vala profunda e eram baleados na parte de trás do pescoço”. As vítimas de Serpantinka às vezes esperavam vários dias para serem fuziladas, de pé em um galpão tão apertado que quando eles recebiam uma bebida, na forma de pedaços de gelo que está sendo acionada para eles - eles não podiam mover as mãos de forma que tinham que tentar pegá-lo com suas bocas. *Minha nota: não é diferente de como gado é amontoado nos matadouros e fazendas de propriedade judaica. Goy significando gado afinal.

Outro prisioneiro descreve um caso particular de um conhecido: “Os esqueletos trabalharam mal. Dyukov (o líder da brigada) pediu por melhores rações. O diretor se recusou. A turma faminta tentou heroicamente cumprir as normas e desapareceram. Todos se viraram para Dyukov... Dyukov fez mais e mais vigorosas denúncias e protestos. Seu grupo passou a cair e assim suas rações caíram. Dyukov tentou interceder com a administração. Esta, por sua vez perguntou aos serviços competentes para inscrever Dyukov e os seus homens nas ‘listas’. Eles fuzilaram Dyukov e todo o grupo dele numa manhã por Serpantinka.”

Mesmo nos campos comuns...

Já nas primeiras semanas do breve verão em Kolyma, os homens revelaram uma tendência a morrer a um ritmo nunca antes conhecido na região. Isso aconteceu repentinamente, às vezes mesmo quando o homem estava no trabalho. Um homem empurrando um carrinho de mão até a pista de alta para o aparelho de filtração de repente parava, balançava por um momento e caía de uma altura de 24 a 30 pés. E esse foi o fim. Ou então um homem carregando um carrinho de mão, incitado pelos gritos de um capataz ou guarda, inesperadamente afundava no chão, o sangue jorraria de sua boca e tudo estava acabado.

A taxa de mortalidade era particularmente elevada entre os homens trazidos para Kolyma durante os últimos seis meses. Sua resistência corporal havia sido prejudicada na prisão antes de serem enviados para o campo de ouro e eles simplesmente sucumbiam sob o ritmo violento de trabalho.

Não muito tempo depois, uma nova categoria de prisão foi introduzida, a *katorga*. A palavra, referindo-se ao antigo sistema czarista de trabalho forçado, era de fato muito pior. Os *katorzhniki* trabalhavam em campos especiais, acorrentado e sem cobertores ou colchões à noite. Nenhum sobreviveu.

A realidade bestial da vida cotidiana, um filme de terror na vida real:

Uma tropa móvel projetada para capturar fugitivos era comandada pelo jovem Postnikov. Bêbado de tanto assassinato, ele cumpriu sua tarefa com zelo e paixão. Ele pessoalmente capturou cinco homens. Como sempre, nesses casos, ele tinha sido condecorado e recebeu um prêmio. A recompensa era a mesma para os mortos e os vivos. Não era necessário entregar os prisioneiros vivos.

Certa manhã de agosto, um homem que ia beber em um córrego caiu em uma emboscada armada por Postnikov e seus soldados. Postnikov atirou para baixo com um revólver. Eles decidiram não arrastar o corpo para o campo, mas deixá-lo na taiga. Os sinais de ursos e lobos eram numerosos. Para identificação, Postnikov cortou as mãos do fugitivo com um machado. Ele colocou as mãos em sua mochila e fez seu relatório sobre a caça... Na noite em que o cadáver reapareceu.

Pressionando os pulsos sangrando contra o peito, ele deixou a taiga seguindo a trilha e chegou à tenda dos prisioneiros. Com o rosto pálido, olhos azuis loucos, ele olhou para dentro, mantendo-se na abertura, encostado nos umbrais e murmurando alguma coisa. A febre o devorou. Seu casaco acolchoado, calças, botas de borracha foram manchadas com sangue negro.

Deram-lhe a sopa quente, envolveram seus pulsos decepados em trapos e levaram-no para a enfermaria. Mas Postnikov e seus homens saíram correndo de sua pequena tenda. Os soldados levaram o prisioneiro. Ele não foi ouvido de novo...

Os comandantes do acampamento estavam livres de restrições. Alguns atiravam nos prisioneiros aleatoriamente, simplesmente para espalhar o terror. Os presos que após 14 horas nas minas não poderiam fazer mais trabalho, foram baleados e seus corpos deixados no chão por um dia como um aviso. Comida tornou-se pior e mais escassa, o rendimento rebaixou e execução por sabotagem tornou-se comum.

E dizem-nos, por exemplo, que em Debin, em 1951, três prisioneiros de um grupo que tinha sido autorizado a sair para recolher bagas se perdeu. Quando eles foram encontrados, suas cabeças foram surradas com coronhadas e o chefe do acampamento, Terceiro Tenente Lomaga, arrastou seus corpos passando entre os presos reunidos nessa condição. Verdadeira fome tomou conta na mina. Cinco mil homens não tinham um pedaço de pão, mas todos trabalharam como de costume, doze horas por dia... Exaustos por longos anos de existência, quase mortos de fome e de trabalho desumano, as pessoas passaram seus últimos resquícios de força no trabalho. E então morreram.

*Minha nota: outro conto popular do fictício holocausto dos judeus pelos alemães são os míticos caminhões de gás. A realidade dos caminhões de gás é que eles foram inventados por um comunista judeu e usados para matar milhares de inocentes na Judiação Soviética:

“A van de gás foi inventada na União Soviética em 1936, presumivelmente por Isay Berg (minha nota, JUDEU), chefe do departamento administrativo e econômico da NKVD de Moscou Oblast, que sufocou vários prisioneiros com fumeiro de motores em uma van camuflada enquanto a unidade para as valas comuns em Butovo, onde os prisioneiros foram posteriormente enterrados.

De acordo com Aleksandr Solzhenitsyn, I.D. Berg foi ordenado cumprir as decisões da NKVD Troika de Moscou Oblast, e Berg foi decentemente realizar esta tarefa: ele estava dirigindo as pessoas para as execuções por fuzilamento. Mas quando passou a haver três troikas em Moscou Oblast tendo suas sessões simultaneamente, os executores não podiam lidar com a carga. Eles tiveram uma solução: retirar as vítimas nuas, amarrá-las, vedar suas bocas e jogá-las em um caminhão fechado, disfarçado como uma van comum. Durante o transporte, gases combustíveis entravam no caminhão e quando chegavam à vala mais distante (execução) abandonavam os presos já mortos.”

A realidade dos campos alemães:

O plano era realocar os judeus à sua própria região e fora da Europa. Esta foi a única “solução final”, como historiadores honestos que perderam suas carreiras e foram presos por serem honestos notaram uma e outra vez. Uma vez que os judeus tinham quase aniquilado a Alemanha, enviando milhões de alemães a seus túmulos em troca de Alemanha confiar neles, o governo levou ao melhor e mais humano curso de ação com eles. Eles poderiam tê-los matado neste momento, mas não o fizeram. O judeu Freeman admite tudo isso. A Alemanha estava negociando com os sionistas para ajudar a realocá-los para outra área onde teriam autodeterminação e separação. Os judeus não foram enquadrados ou colocados em acampamentos ao longo disso. Foi um movimento voluntário. Muitos judeus simplesmente queriam sair, pois não conseguiam mais fazer a vida por meios desonestos.

Durante a guerra, o governo alemão descobriu que cada organização subversiva no seu território, mesmo dentro da Alemanha, que estava atacando seus civis e tropas, espionando para os Aliados (de Judá) e tudo o mais para derrotar o esforço de guerra que custou a guerra à Alemanha, assim como na Grande Guerra, eram todas judaicas e estavam trabalhando com as redes internacionais judaicas por detrás dos governos aliados. A fim de lidar com esta vasta quinta coluna judaica, que era literalmente internacional, eles simplesmente fizeram o que os Estados Unidos fizeram com os japoneses vivendo nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra. Eles colocaram-os em campos de internamento, como uma medida de segurança de guerra. Lá eles foram simplesmente colocados para trabalhar honestamente para criar a produção necessária de material para o esforço de guerra.

Aqui, internos judeus dos campos admitem que Auschwitz não era um campo de extermínio: www.youtube.com/watch?v=UxFEtBawPCK

Direito de suas bocas eles afirmam que foram tratados humanamente. Eles tinham orquestras, peças de teatro, cinemas, creches e escolas para os seus filhos e até mesmo jogos escolares. Os adultos trabalhavam uma rotina normal de oito horas nas fábricas e escolas. Eles eram pagos e cartas eram autorizadas. Eles jogavam em times de futebol e ainda vinham equipes regionais para jogar nos campos. A quadra de esportes estava bem ao lado das alegadas “câmaras de gás”. Lá também havia bordéis e piscinas para os detentos.

O documentário abaixo desmascara o Holocausto.

Os Últimos Dias da Grande Mentira:
www.youtube.com/watch?v=l0JGN_lxr7s

Leia também “O Verdadeiro Holocausto”:
webzoom.freewebs.com/spiritualwarfare666/O_Verdadeiro_Holocausto.pdf

Fonte:

Kolyma: The Arctic Death Camps, por Robert Conquest © 1979